

FUNDAÇÃO NACIONAL DE ARTES  
**funarte**  
MINISTÉRIO DA CULTURA

Marco Catalão

# AGRO NEGÓCIO

# AGRO NEGÓCIO

Presidente da República  
**Dilma Rousseff**

Ministra da Cultura  
**Ana de Hollanda**

FUNDAÇÃO NACIONAL DE ARTES - FUNARTE

Presidente  
**Antonio Grassi**

Diretora Executiva  
**Myriam Lewin**

Diretor do Centro de Artes Cênicas  
**Antonio Gilberto**

Coordenadora de Teatro  
**Heloisa Vinadé**

Diretora do Centro de Programas Integrados  
**Ana Claudia Souza**

Gerente de Edições  
**Oswaldo Carvalho**

**Instituto Camões**  
Presidente  
**Ana Paula Laborinho**

Direção-Geral das Artes  
**Jorge Barreto Xavier**

Teatro Nacional D. Maria II  
Presidente do Conselho de Administração  
**Maria João Brilhante**

# AGRO NEGÓCIO

Marco Catalão

FUNDAÇÃO NACIONAL DE ARTES  
**funarte**

Copyright©Marco Catalão  
Todos os direitos reservados

Fundação Nacional de Artes – Funarte  
Rua da Imprensa, 16 – Centro – Cep: 20030-120  
Rio de Janeiro – RJ  
Tel.: (21) 2279-8071  
livraria@funarte.gov.br – funarte.gov.br

*Edição*  
Oswaldo Carvalho

*Produção editorial*  
Jaqueline Lavor Ronca

*Produção gráfica*  
João Carlos Guimarães

*Produção executiva*  
Suelen Teixeira

*Capa e programação visual*  
Eliane Moreira

*Foto capa*  
Oswaldo Carvalho

*Revisão*  
Obra Completa Comunicação

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**FUNARTE / Coordenação de Documentação e Informação**

Catalão, Marco.  
Agro negócio / Marco Catalão. – Rio de Janeiro :  
FUNARTE, 2012.  
64 p. ; 21 cm .

Prêmio Luso-brasileiro de teatro.  
ISBN 978-85-7507-145-8

1. Teatro brasileiro. I. Título.

CDD B869.2

Agradeço efusivamente a Fernanda Jaber, Eduardo Baszczyn, Melissa Schleich, Felipe Moraes, Nadya Milano, Luise Cohen, Gustavo Gonçalves, Marcello Jordan, Rafael Carvalho, Cynthia Becker, Loreana Valentini, e muito efusivamente a Marici Salomão e Larissa Neves, que me ajudaram a acreditar que eu poderia escrever para o teatro.



Este texto é dedicado ao Ivan e à Ana.





*Durante toda a peça, as vozes são pré-gravadas. Os atores ora as dublam, ora as ignoram.*

<p><i>Palco dividido em duas metades. À esquerda, um homem corta cana: movimentos rápidos, ritmados e extenuantes. Repetição incessante. O homem é feio, sujo e magro, mas muito forte. À direita, outro homem, com uma arma na mão e roupa de ginástica, pratica tiro ao alvo. É visivelmente um tipo mais saudável e atlético. Está de frente para a plateia e usa os espectadores como alvos para o seu treinamento. Repetição reflexiva.</i></p>	<p>Não parar nunca. Continuar sob a chuva (ainda que chova bala ou canivete), continuar sobre o fogo (ainda que o fogo vá minando progressivamente o raciocínio), continuar a todo custo. Não parar nunca. Não pensar. O silêncio cria vazios. O silêncio cria buracos por onde o erro se insinua. Não permitir que o silêncio se instale. Ocupar todos os espaços. Preencher todos os buracos. Com palavras, com melodias, com ritmos.</p>
--	---

***Lembra de mim. Quando o vento mover as folhas do canavial, lembra dos meus cabelos aninhados no seu peito.***

Esquecer pra continuar.

Cortar, alvejar, cortar.

Até que.

Até que.

Até.

Direita-esquerda,

direita-esquerda,

direita-esquerda, e então?

Só o treino, só a prática, só a disciplina, só a exaustão leva à perfeição.

Com o tempo a prática se azeita. Com o tempo a

máquina se ajusta. As mãos se livram de qualquer ideia.

Os braços seguem a lógica do músculo. Tudo é reflexo, tudo é só fluxo. O ritmo governa o corpo. O movimento ocupa toda a mente. Não parar nunca. Não pensar.

*Dois ruídos simultâneos se misturam: despertador e celular. Os homens ainda continuam suas atividades por alguns instantes, mas os ruídos são insistentes. Eles enfim desistem. À esquerda, o cortador de cana se senta no chão; observa o mundo à sua volta, aturdido, como se tivesse acabado de acordar; procura o despertador, tateando, até que finalmente o encontra. Desliga. À direita, o policial interrompe seu exercício; olha para a arma por alguns instantes; depois, vai guardá-la numa prateleira, de onde traz uma toalha e começa a enxugar o suor que lhe cobre o corpo. Só depois atende o telefone. Contraste absoluto de ritmo com as cenas anteriores. Lentidão extrema. À esquerda, o cortador de cana prepara seu material de trabalho: podão, boné, roupa encardida, garrafa de água, marmitta.*

Mas há sempre algo que interrompe o puro fluxo, há sempre um pensamento que se insinua no vazio, uma memória que se esquivava à melodia, uma engrenagem que se desgasta pelo excesso ou pela falta de uso, um grão de areia que se infiltra no mecanismo, um alarme que em alguma parte ressoa.

**...então decidiram instalar um alarme pra avisar a todos caso um lobo fosse visto pelas redondezas.**

**O alarme ressoou em plena madrugada, todos ficaram naturalmente alarmados e correram e gritaram e o desespero se espalhou por toda parte. Mas, quando foram ver, eram apenas antílopes que pastavam inocentemente pelo gramado.**

*À direita, o policial fala ao telefone por alguns segundos, depois desliga e toma alguns comprimidos. Passa protetor solar nos braços e no rosto.*

*Os dois trocam de roupa lentamente, ritualmente e, depois de alguns*

Ele me disse você tem que ver isso, como se eu não tivesse visto isso um milhão de vezes, ele me disse desta vez é diferente, como se pudesse haver alguma coisa diferente nesse tipo de coisa, ele insistiu venha o mais rápido que puder, como se a rapidez fosse uma escolha.

**...então deliberaram instalar um outro alarme exclusivo pra antílopes porque, afinal, é preciso estabelecer alguma hierarquia entre os inumeráveis riscos que nos espreitam, e os antílopes, embora menos vorazes que os lobos, também prejudicam a seu modo a nossa comunidade, com seu apetite insaciável pelas ervas mais tenras e pelos campos mais suaves.**

Ele me disse é preciso chegar antes dos urubus, como se fosse possível

*instantes de hesitação (após conferir pela enésima vez seus apetrechos), saem de cena.*

*O palco fica às escuras.*

chegar antes dos urubus, os urubus vão de helicóptero, eu disse, e ele riu como se a piada fosse realmente muito, muito engraçada.

**...mas, quando foram ver, eram apenas cangurus, e a situação se repetiu, noite após noite, com renas, saguis, ornitorrincos e camaleões.**

Ele me disse é um negócio bizarro demais, e eu desliguei antes que ele pudesse terminar, porque estava na cara que a gente já tinha incorporado a linguagem e os trejeitos dos urubus, deve ser a convivência, é inevitável: com o tempo, você acaba se assemelhando àqueles que você mais odeia.

**...então resolveram instalar um alarme pra cada bicho, com diferentes gradações de altura,**

**duração, intensidade e timbre. Um ruído se seguia a outro, os ecos se misturavam e se confundiam, e o silêncio era apenas um alarme mais baixo.**

É claro que ele me ligou em seguida, a ligação caiu? É um troço com a cabeça, cortaram a cabeça do cara, eu sei que você já viu isso antes, mas é que essa, aí a ligação caiu de verdade, eu já estava atrasado, é claro, e desliguei de vez o celular.

**...é claro que quando o lobo chegou ninguém deu atenção ao alarme que soava loucamente, porque o alarme que devia anunciar o lobo era apenas mais um entre tantos, e a única coisa que poderia despertar a cidade naquele momento era o silêncio absoluto, mas àquela altura o silêncio absoluto era algo**

*As luzes voltam a se acender.  
À esquerda, o homem  
corta cana novamente:  
movimentos rápidos, ritmados  
e extenuantes. Repetição  
incessante.*

*À direita, uma cabeça fita  
o público. Ora ela move os  
lábios, ora parece meditar em  
silêncio. Boceja algumas vezes.*

**absolutamente fora de  
questão.**

**12 toneladas de cana cortada  
por dia.**

**3.792 golpes de podão.**

**3.994 flexões da coluna.**

**38 reais.**

Muito antes de chegar já era possível ver as labaredas, por um instante eu pensei que o fogo é que seria o tal negócio bizarro, as nuvens negras que iam se tornando alaranjadas e depois negras de novo, mas ao chegar mais perto eu percebi que esse era o cenário cotidiano, não havia o que estranhar, era só mais uma queimada entre milhões.

**9 milhões de hectares  
cultivados.**

**27 milhões de toneladas de  
açúcar por ano.**



**25 bilhões de litros de etanol.  
1 bilhão e 300 mil litros de  
cachaça.  
40 bilhões de reais.**

Ele me disse achei que você não vinha mais, como se fosse possível eu não vir mais, você vai ver só que coisa bizarra, o mesmo discurso televisivo, você não vai acreditar nos seus olhos e nos seus ouvidos, mas a gente sempre acaba acreditando, e no final das contas o estranho não é tão estranho assim, o novo vira familiar, mas a verdade é que daquela vez eu me espantei um pouco com o que eu vi.

**É preciso lembrar que a queimada é um procedimento técnico, realizado com o intuito de evitar que a palha da cana provoque ferimentos nos trabalhadores que efetuam o corte manual.**

Dá uma olhada só, foi o que ele disse, com ar de triunfo, já saboreando de antemão o meu espanto, dá uma olhada só, eu olhei e vi o que eu já estava esperando, uma cabeça arrancada do corpo, mas alguma coisa estava fora do lugar, quer dizer, alguma coisa além da cabeça previsivelmente fora do corpo, dá uma olhada só, o problema foi ele ter dito isso, eu demorei alguns segundos até compreender que ele devia ter dito dá uma ouvida só, dá uma ouvida, idiota.

**A crescente demanda global por biocombustíveis transformou o mercado de cana-de-açúcar num dos mais promissores no cenário mundial, mas é preciso que a cultura empresarial esteja focada em resultados objetivos, sem dar espaço a sentimentalismos e propostas demagógicas que possam**

**representar um entrave à  
nossa capacidade produtiva.**

Porque a cabeça estava ali,  
como o esperado, uma cabeça  
arrancada do corpo, logo de  
cara já se notava que tinha  
sido um instrumento cortante,  
uma lâmina ou uma guilhoti-  
na, muito provavelmente um  
podão.

**Se as leis trabalhistas forem  
muito rígidas, acabam enges-  
sando a indústria e prejudi-  
cando o nosso desempenho  
no mercado internacional.**

**É preciso maior flexibilidade:  
contratos flexíveis, fiscaliza-  
ção flexível, prazos flexíveis,  
*total flex!***

Porque o estranho, o verda-  
deiramente estranho naquilo  
tudo, o que espantou  
alguém acostumado como eu  
a ver coisas bem mais  
espantosas do que

uma cabeça arrancada do corpo, não foi propriamente o que eu vi (uma cabeça como qualquer outra, com dois olhos, duas orelhas, um nariz e uma boca em perfeito estado), mas sim o que eu ouvi: a voz que saía de uma boca que naquele momento já devia ter se calado.

**As divergências na definição do que é legal ou ilegal acabam provocando brechas para algumas análises e críticas equivocadas. Em primeiro lugar, é preciso definir com clareza o que é trabalho escravo. Evidentemente, o trabalho na nossa indústria não é ameno. É preciso ser forte para suportar as longas jornadas.**

Não que a voz tivesse qualquer característica aterradora, que fosse aguda ou distorcida ou cavernosa; pelo

contrário: era uma voz em perfeita concordância com aquela cabeça – neutra, burocrática, protocolar. O espantoso era que houvesse voz, que aquela cabeça, mesmo depois de arrancada do corpo, continuasse a falar, a falar e a falar...

**Com o sequenciamento do genoma da cana, é possível otimizar o produto final destinado ao mercado externo (o interno não tem o mesmo nível de exigência), aumentando a margem de lucro e a confiança dos produtores.**

Entendeu agora, ele me disse, os urubus não vão descansar enquanto não conseguirem uma entrevista coletiva, entrevista coletiva, essa é boa, ele disse, rindo da própria piada sem graça.

**Estudos mostram que na colheita feita com podão as perdas quase nunca ultrapassam os 5%. Já na colheita mecanizada, as perdas chegam a 15%. Numa área plantada de 9 milhões de hectares, com uma produtividade de 100 toneladas por hectare, esse percentual equivaleria a uma perda anual de 60 milhões de reais. O governo está disposto a nos indenizar?**

Entrevista coletiva, eu respondi, você acha que eles vão se contentar com isso? Não querer instalar uma câmera pra transmitir em “tempo real” a irreabilidade desse negócio, e o pior é que a gente não pode fazer nada a não ser achar o infeliz que fez isso, acho que não vai ser muito difícil, não, é só perguntar pra ele.

**De cada 5 toneladas de cana, 1**

**tonelada é de palha seca. Se essa palha não for queimada, terá de ser removida pelos trabalhadores, diminuindo sua produtividade e, conseqüentemente, seu ganho diário. Ser contrário às queimadas é ser contrário aos interesses dos trabalhadores.**

Pra ele ou pra ela, tanto faz, pra alguma coisa há de servir uma cabeça que fala, eu disse, mas já sabendo de antemão que não ia ser tão fácil, porque uma cabeça que fala não é necessariamente uma cabeça que escuta, e era esse o caso desta: uma cabeça que falava sem parar um só instante pra escutar, tornando inútil de antemão qualquer questionamento, aparte ou interrogatório.

*O policial aparece no canto direito do palco, cobre a cabeça com um pano (ouve-se uma voz sufocada e*

*ininteligível) e a leva para fora de cena. No instante em que ele sai, o cortador de cana interrompe seu trabalho e se joga no chão, exaurido. Depois de alguns minutos de imobilidade, ele se senta no chão, bebe água e começa a comer algo que retira da marmitta. No canto direito do palco, o policial instala uma bicicleta ergonômica. Bebe água, lenta e contemplativamente. Depois de alguns minutos de imobilidade, os dois se levantam ao mesmo tempo e se preparam para recomeçar seus movimentos: o cortador, no canavial invisível; o policial, na bicicleta.*

Não parar nunca. Continuar sob a chuva (ainda que chova bala ou canivete), continuar sobre o fogo (ainda que o fogo vá minando progressivamente o raciocínio), continuar a todo custo. Não parar nunca. Não pensar.



*O policial bebe água;  
o cortador, não.*

Você está correndo de  
bicicleta sobre um imenso  
campo em chamas. Não há  
motivo pra se preocupar: as  
chamas são baixas e as rodas  
são resistentes. Você só não  
pode parar.  
Correr, cortar, correr.  
Cortar, não pra alterar  
qualquer conformação.  
Correr pra permanecer no  
mesmo lugar.  
Calor, suor, calor.  
Torpor, fedor, horror.  
Há uma multa pra quem  
se senta.  
Há uma taxa pra quem hesita.  
Nem uma pausa onde se  
abrigar.  
Nem uma sombra onde se  
esconder.  
8 litros de água perdidos  
por dia.  
8.800 metros percorridos em  
dez horas.  
Com 12 toneladas nas costas.  
Isso pros que ficam na média.  
Isso pros *substituíveis*.  
Pros solteiros.  
Pros sem filhos.

Pra você, um pouco mais.  
Pagamento por produção.  
30 toneladas a 38 graus.  
Num único dia, 10.000 golpes  
de podão.  
Depois, o vômito.  
À noite, a febre.  
Mas o título de *campeão*.

*Não há trabalho nem gênero  
de vida no mundo mais  
parecido à Cruz e Paixão de  
Cristo que o vosso em um  
destes engenhos.*

O fortunati nimium sua si  
bona norint!

*Bem-aventurados vós, se  
soubéreis conhecer a fortuna do  
vosso estado, e, com a  
conformidade e imitação de tão  
alta e divina semelhança,  
aproveitar e santificar o  
trabalho!*

A primeira vez que te  
chamaram assim, você achou  
que era por gozação.  
*Campeão...* Mas depois você  
viu que

*O policial para de correr,  
extenuado. Senta-se no chão,  
ofegante, e descansa por  
alguns minutos. Depois, bebe  
mais água.*

*Descansa por mais algum  
tempo, depois sai de cena.*

era verdade, que eles te  
olhavam com outros olhos.  
O respeito que inspira um  
galo de briga. Uma peça mais  
precisa que as outras. Não o  
único a ser poupado, mas pelo  
menos o último a ser jogado  
na bagaceira.

*Em um engenho sois imita-  
dores de Cristo crucificado:  
Imitatoribus Christi crucifixi –  
porque padeceis em um modo  
muito semelhante o que o  
mesmo Senhor padeceu na sua  
cruz e em toda a sua paixão.  
A sua cruz foi composta de dois  
madeiros, e  
a vossa em um engenho é de  
três. Também ali não faltaram  
as canas, porque duas vezes  
entraram na Paixão: uma  
vez servindo para o cetro de  
escárnio, e outra vez para a  
esponja em que lhe deram o fel.  
A Paixão de Cristo parte foi de  
noite sem dormir, parte foi de  
dia sem descansar, e tais são as  
vossas noites e os vossos dias.  
Cristo despido,*

*e vós despidos; Cristo sem  
comer, e vós famintos; Cristo  
em tudo maltratado, e vós  
maltratados em tudo. Os  
ferros, as prisões, os açoites, as  
chagas, os nomes afrontosos,  
de tudo isto se compõe a  
vossa imitação, que, se for  
acompanhada de paciência,  
também terá merecimento de  
martírio.*

No canavial, você sonha com  
a sua cama.

Na sua cama, você sonha com  
o canavial.

Seis sujeitos num cubículo.

Seis sujeiras numa canícula.

A cisterna a dez metros da  
fossa.

A boca a um milímetro da  
bosta.

A água podre, a carne azeda.

O calor, o fedor, o horror.

*E que coisa há na confusão  
deste mundo mais semelhante  
ao inferno que qualquer destes  
vossos engenhos, e*

*tanto mais quanto de maior  
fábrica? Por isso foi tão  
bem recebida aquela breve e  
discreta definição de quem  
chamou a um engenho de  
açúcar doce inferno.*

***Quando os seus olhos forem  
como dois animais acuados,  
lembra das minhas mãos.  
Quando a sua boca se tornar  
amarga, lembra da nossa  
manhã.***

*E, verdadeiramente, quem  
vir na escuridade da noite  
aquelas fornalhas tremendas  
perpetuamente ardentes; as  
labaredas que estão saindo a  
borbotões de cada uma, pelas  
duas bocas ou ventas por onde  
respiram o incêndio; os etíopes  
ou ciclopes banhados em suor,  
tão negros como robustos,  
que soministram a grossa e  
dura matéria ao fogo, e os  
forcados com que o revolvem e  
atiçam; as caldeiras, ou lagos  
ferventes, com os*

*cachões sempre batidos e rebatidos, já vomitando escumas, já exalando nuvens de vapores mais de calor que de fumo, e tornando-os a chover para outra vez os exalar; o ruído das rodas, das cadeias, da gente toda da cor da mesma noite, trabalhando vivamente, e gemendo tudo ao mesmo tempo, sem momento de tréguas nem de descanso; quem vir, enfim, toda a máquina e aparato confuso e estrondoso daquela Babilônia, não poderá duvidar, ainda que tenha visto Etnas e Vesúvios, que é uma semelhança de inferno. Mas, se entre todo esse ruído, as vozes que se ouvirem forem as do Rosário, orando e meditando os mistérios dolorosos, todo esse inferno se converterá em paraíso, o ruído em harmonia celestial, e os homens, posto que pretos, em anjos.*

embora pretos  
embora pobres

	embora em guetos embora aos montes embora sujos embora sórdidos embora muitos embora mórbidos embora encardidos embora empilhados embora fodidos embora mal pagos embora sem dedos embora sem nome embora com sede embora com fome embora espezinados embora espoliados embora esportados embora esputados embora explorados embora espremidos embora esvaídos embora exauridos embora exangues
--	---

embora exaustos  
embora ex-homens  
embora escravos  
embora  
embora  
embora  
vocês não vão embora

*Eles mandam, e vós servis;  
eles dormem, e vós velais; eles  
descansam, e vós trabalhais;  
eles gozam o fruto de vossos  
trabalhos, e o que vós colheis  
deles é um trabalho sobre  
outro.*

vós ordenais  
nós ordinários  
vós repousais  
nós leprosário  
vós desfrutais  
nós refugados  
vós ajuntais  
nós rejeitados



vós fornicais  
nós formigamos  
vós prosperais  
nós pauperamos  
vós só lucráis  
nós soluçamos

vós arroto  
nós vinhoto  
vós moeda  
nós moenda  
vós deputados  
nós esputados  
vós senadores  
nós com as dores

vós com a paz de quem manda  
nós com as pás de quem planta  
vós com voz  
nós com nós na garganta

*Não há trabalhos mais doces  
que os das vossas oficinas;  
mas toda essa*

*A voz vai se tornando distorcida e irregular, como se a gravação tivesse algum problema. Depois de algumas falhas, o ruído dá lugar ao silêncio.*

*O cortador continua seu trabalho por alguns instantes, em silêncio; depois, sem qualquer aviso, desaba.*

*As luzes se apagam.*

*Depois de alguns minutos, o policial*

*doçura para quem é? Sois como as abelhas, de quem disse o poeta: Sic vos non vobis mellificatis, apes.*

*O mesmo passa nas vossas colmeias. As abelhas fabricam o mel sim, mas não para si.*

a colmeia a correia a corveia  
o melação o bagaço o cansaço  
a frutose a artrose a necrose  
o doce a foice o coice  
a cana a canga a câibra

a indústria sucroalcooleira  
a indústria chucro-à-coleira  
a indústria lucro-alcouceira  
o acre consórcio  
o agravo dócil  
o agro negócio

*passa pela plateia, carregando uma vela em direção ao palco ainda às escuras.*

*Ele deposita a vela no canto esquerdo do palco, onde jaz o cortador de cana. Depois, levanta-o do chão e o carrega para fora, passando novamente pela plateia.*

*Após levar o corpo para algum lugar invisível, o policial refaz seu percurso em direção ao palco, estaca diante da vela acesa por alguns instantes, depois começa a retirar de uma sacola uma série de outras velas que vai acendendo lentamente, ritualmente.*

*A luz tênue das velas deixa ver aos poucos que, no canto direito do palco, está novamente a cabeça decepada.*

Nas quatro semanas que duraram as minhas investigações, quatro cortadores de cana morreram em serviço (“de cáibra”, como eles mesmos dizem). Uma bela média, sem dúvida,

que fez os urubus veicularem *reportagens de denúncia* com propagandas da indústria de produtos dietéticos nos intervalos, mas o que interessava de fato aos telespectadores era o destino daquela cabeça loquaz e solitária.

**Alguns incidentes isolados não podem pôr em risco a credibilidade e a pujança de uma indústria que emprega tantas pessoas e gera tantos impostos para a nação.**

O destino, afinal não era possível simplesmente enterrar e dar por morta uma cabeça que continuava a falar sem interrupção – ao contrário dos quatro cortadores, que tombaram em silêncio e em silêncio ficaram, comportadamente, até serem guardados e esquecidos em seus diminutos caixões.

**Quando se exagera no protecionismo ao meio ambiente e aos trabalhadores, indiretamente se incentiva a criminalidade. É preciso bom senso para que uma carga ideológica muito forte não gere uma visão equivocada da realidade.**

Mas, ao contrário dos urubus, eu não podia me dar ao luxo de promover mesas-redondas com advogados, psicólogos, padres, filósofos e *socialites* com o intuito de debater em que medida aquele fenômeno (era assim que o qualificavam: um fenômeno) modificava a nossa compreensão acerca de temas tão complexos e polêmicos como o dualismo cartesiano, a eutanásia, a psique individual e os direitos de herança. Eu precisava descobrir o assassino.

**As condições precárias de trabalho em alguns locais são parte de uma cultura colonial, que precisa de tempo para se adaptar às exigências contemporâneas.**

Eu precisava descobrir, numa biomassa de 5.000 sujeitos, um indivíduo.

**Num setor que emprega mais de 750.000 trabalhadores, logicamente sempre há um ou outro pequeno problema; mas são apenas exceções que confirmam a regra.**

A nenhum deles faltava motivo, a nenhum deles faltava uma arma, a nenhum deles faltou oportunidade.

**Pergunte a qualquer trabalhador se ele prefere salário fixo ou remuneração por produtividade: 90% vão preferir a segunda alternativa.**

**Os outros 10% são os preguiçosos e os arruaceiros, essa praga que a gente nunca consegue extirpar.**

Oportunidade pra matar, bem entendido, porque naquela noite, por um excesso de demagogia ou sentimentalismo, o dono da usina, um tanto quanto embriagado, resolveu, contra todas as advertências do bom senso que ele em outras ocasiões tanto prezava, fazer uma visita noturna a seu querido canavial.

**Nós matamos um boi por dia (um boi! Você sabe o que é isso?) só pra alimentar esse pessoal!**

Um ato irracional, talvez o único numa vida inteiramente pautada pela racionalidade (e pela imposição da racionalidade a uma multidão de subordinados). Ele desceu do carro

blindado, com vidro escuro e travas elétricas, e caminhou sozinho sob o luar.

*Pisando o chão enlameado,  
lembra.*

**A única alternativa para manter a competitividade em termos internacionais é a incorporação das pequenas propriedades, obsoletas e ineficientes, pelas grandes, que podem investir em tecnologia de última geração e gerir sua produção com maior inteligência e eficácia.**

O que o levou até lá?  
A sedução do risco e da imprevisibilidade, que a sua existência diurna se esforçava com tanto afinho em mitigar?  
A cabeça não responderia à minha pergunta.

*Desterrado no silêncio,  
lembra da minha voz.*



**Afinal, não somos uma instituição de caridade ou uma sociedade beneficente: somos uma empresa privada. Pavimentamos nossas próprias estradas (muito melhores que as do Estado, aliás), mudamos o curso dos rios com nossos próprios investimentos... A única coisa que pedimos ao governo é que nos deixe trabalhar em paz!**

Há coisas que não se devem começar – porque, uma vez começadas, seguem sua lógica própria, férrea e intransigente, a despeito dos propósitos ou dos escrúpulos de quem as começou.

**Se um cidadão, em pleno exercício de suas faculdades mentais, por livre e espontânea vontade, assina um contrato em que se dispõe a**

**trabalhar certo número de horas por um determinado salário, não é função do governo se imiscuir, impondo seus parâmetros (muitas vezes ideologicamente enviesados) sobre a inalienável liberdade individual.**

É claro que no meu caso não havia opção, o meu papel era fazer perguntas, perguntas que se multiplicariam por si mesmas segundo uma lógica que eu ainda desconhecia, perguntas quase sempre retóricas, que, de uma forma ou de outra, acabariam engendrando suas próprias respostas.

**O segredo é não deixar os empregados se acomodarem. A média de toneladas diárias subiu para 12? É o melhor momento para se estabelecer uma nova meta. Que tal 15?**

Os depoimentos eram unânimes e monótonos: todos tinham dormido a noite inteira, ninguém tinha ouvido nem visto nada estranho, nenhum deles entendia como alguém podia ter assassinado um patrão tão exemplar.

**É como qualquer casamento: se uma das partes não está satisfeita, basta arrumar as trouxas e ir embora...**

Ceguei a cogitar a possibilidade de um assassinato involuntário (ou semi-involuntário, já que essas questões de consciência e inconsciência são sempre inextricáveis), cometido por algum trabalhador sonâmbulo cujos braços e pernas se deslocassem por conta própria em meio às fileiras de cana.

**Em qualquer ramo de atividade**

**acontecem acidentes. Quando se trata de trabalhadores que já chegam com pouca instrução e em condições precárias de saúde, a tendência é superestimar as dimensões de tais acidentes que, estatisticamente, estão dentro dos limites aceitáveis.**

Finalmente, depois de um mês de impasse e insônia, de intermináveis entrevistas, de dezenas de *talk-freak-shows*, quando o assunto já começava a arrefecer (enquanto a cabeça não parava de apodrecer), o assassino se apresentou.

***Quando as laranjas podres encherem o ar com seu perfume, lembra do nosso alpendre.***

**A verdade é que essa gente não tem muito asseio. Um lugar 100% você**

**nunca vai encontrar! Agora, nós não temos como fiscalizar se o pessoal lava ou não as mãos, se vai ou não ao banheiro.**

A história dele era simples e convincente: tinha vindo de muito longe, trabalhara por três anos seguidos, de segunda a segunda, enviando cada centavo que sobrava pra casa, pra filha adolescente não ter que cair na vida. Mas naquela semana tinha recebido uma carta que revelava que o seu esforço havia sido inútil.

***Lembra da minha voz,  
embalando o seu sono.***

**A divulgação de notícias que não condizem com a realidade do nosso setor acaba provocando danos de imagem gravíssimos, que comprometem a imagem do nosso**

**país no exterior.**

O que mais o indignava era saber que isso já vinha acontecendo há mais de seis meses, que há mais de seis meses ele juntava cada centavo, e que esses centavos provavelmente eram usados pra comprar roupas provocantes e vidros de perfume.

*Olhando as nuvens esgarçadas, lembra do nosso barro.*

**As relações de curtíssimo prazo são uma realidade incontornável. Todo o mundo sabe que as safras dependem de questões sazonais. Os acordos por pequenos intervalos de tempo acabam sendo uma alternativa natural.**

Então foi por isso que você matou? Por causa da sua filha, eu perguntei, e ele

me respondeu: pra descansar, eu só queria descansar.

**A grande volatilidade no mercado mundial de *commodities* acaba gerando um clima de incerteza e insegurança nos produtores rurais, que se veem obrigados a maximizar os lucros através de estratégias agressivas de recrutamento de pessoal.**

Eu estava satisfeito, os urubus estavam satisfeitos; até o assassino sorria para as câmeras candidamente, desfrutando da sua momentânea celebridade. Tudo se encaixava, o caso estava fechado; só faltava fechar o caixão.

**Nós pagamos o que achamos que é justo, e eles trabalham pelo que acham que é justo. Quem não concorda com o valor recebido pode**

**ir embora na hora que quiser, com direito a fundo de garantia, tudo de acordo com a lei.**

A língua podre era incapaz de servir de instrumento pra qualquer som, a garganta ressecada há muito tempo era um pavilhão inútil por onde os vermes deslizavam, da cavidade dos olhos não emanava nenhum brilho remoto, só os miasmas insuportáveis da podridão. Os urubus já tinham desistido daquela carcaça, mas, a despeito de tudo, ela continuava a monologar.

**De que servem os braços sem a cabeça? O que seria dos empregados sem a nossa usina? Estariam por aí, mendigando uma moringa de água e um prato de comida...**

O passado estava resolvido, arquivado,



catalogado. Mas o futuro me desafiava com olhos ferozes e carcomidos.

**Graças a seu enorme potencial energético e a diversas inovações tecnológicas que prometem um maior aproveitamento da matéria-prima, o futuro da cana-de-açúcar é altamente promissor.**

Se ela se calasse naquele momento, seria um final coerente e edificante para aquela história: seria como se o espírito do morto, satisfeito com a punição do culpado, pudesse finalmente descansar em paz.

**Assim como o óleo cru dá origem não só à gasolina, mas a uma ampla gama de derivados, as usinas de álcool e açúcar, num futuro bem próximo, serão capazes de aproveitar a cana em toda a sua**

*O policial banha em álcool a cabeça decepada. Depois de regá-la abundantemente, pega a mesma caixa de fósforos que usou para acender uma a uma as velas e ateia fogo na cabeça, que se consome lentamente.*

**potencialidade, lucrando também com a garapa, o bagaço e os bioplásticos.**

Todo o mundo está à espera de uma narrativa.

Não precisa ser verdadeira.

Basta ser plausível.

**Todos os anos nós registramos boletins de ocorrência contra esses incêndios criminosos que se espalham pelos canaviais. Se alguém vem na calada da noite e põe fogo sem a nossa autorização, o que é que a gente pode fazer?**

Então eu fiz o que qualquer pessoa de bom senso faria: pus um fim àquele discurso que, de outra forma, prosseguiria pela eternidade. Depois de um mês, eu podia finalmente dormir.

*O fogo queima nos dois cantos do palco às escuras por alguns minutos.*

*Aos poucos, a luz vai voltando, como se amanhecesse. O policial, à direita, e o cortador de cana, à esquerda, reaparecem no palco.*

*O cortador junta as velas e as coloca sob um fogareiro, onde prepara a comida do dia.*

*O policial também coloca a cabeça (a esta altura uma pequena bola de fogo) sob um fogareiro, onde prepara um chá que beberá em seguida.*

*À esquerda, o cortador de cana prepara seu material de trabalho: podão, boné, roupa encardida, garrafa de água, marmitta. Depois, afia cuidadosamente o podão.*

*À direita, o policial bebe lentamente seu chá, depois de adoçá-lo.*

Você escapou. A lâmina cega  
(a justiça

*Os dois saem por alguns instantes, depois voltam. À esquerda, o homem corta cana novamente: movimentos rápidos, ritmados e extenuantes. Repetição incessante. À direita, o policial, com uma roupa oriental, pratica movimentos de tai chi*

cega) roçou a sua pele sem conseguir te ferir. Você escapou, mas não sabe exatamente do quê. As câmeras de TV, as máquinas fotográficas, a aglomeração em frente à delegacia, a confissão rápida e burocrática. A cela apinhada (mais que o seu alojamento?), a comida intragável (pior que a da sua marmitta?), a humilhação cotidiana (diferente das daqui?)... Você escapou de um inferno, mas não de todos os infernos.

*Quase tudo o que está em paz não emite nenhum som. Nem as plantas nem as árvores têm voz, mas, se o vento as agita, elas sussurram. A água não tem voz, mas, se o vento a roça, ela emite um som; se a golpeamos, ela grita; se a retemos, ela murmura; se a fervemos, ela canta. O metal e a pedra*

chuan. *Repetição lenta.*

*O policial enxuga uma gota  
de suor.*

*não têm voz, mas, se os  
golpeamos, eles ressoam.  
Assim são os homens: só  
falam quando são forçados. Se  
desejam algo, cantam. Se estão  
tristes, choram. Os sons  
ultrapassam seus lábios  
quando eles perderam a paz.*

*Seus filhos escaparam.  
O dinheiro vai continuar  
chegando.  
Gota a gota.  
Golpe a golpe.  
A cada cem golpes, um real.  
A cada cem dias, uma carta.  
Seus filhos escaparam.  
Não de todos os infernos.  
Talvez deste.*

*A música exprime o que foi  
contido por muito tempo, e  
escolhe para ressoar os  
materiais mais sonoros.  
Metal, pedra, cordas,  
bambus, cabaças, argila,  
cobre e madeira, tudo isso  
emite um som.*

Você não se sente aliviado.  
Aquele que confessou o  
seu (usemos a palavra  
convencional) crime... talvez  
se sinta.

Ele não era um *campeão*.  
Também tinha família, mas  
não tinha força suficiente pra  
cortar mais do que a média.  
Por isso não matou.  
Por isso confessou.

***Com os olhos fechados,  
lembra.***

*Acontece o mesmo com as  
estações do ano: cada uma  
escolhe as coisas mais sonoras  
para fazer ouvir sua nota.  
Os pássaros tagarelam na  
primavera, o trovão atroa  
no verão, os grilos estrilam  
no outono e o vento grita  
durante o inverno, porque  
enquanto as estações estão  
em marcha, não há paz.*

Todo o mundo está à espera  
de uma

*O policial desiste do exercício.  
Depois de descansar um  
pouco, sai de cena.*

narrativa.

Não precisa ser verdadeira.

Basta ser plausível.

*Você é um simples cortador  
de cana; como poderia ter  
um método? E ainda assim,  
você tem um método. Depois  
de 500.000 golpes de podão,  
trabalhando de segunda a se-  
gunda, você já não conseguia  
perceber a diferença entre um  
dia bom e um ruim, ainda que  
o apontador ora te criticasse e  
ora te felicitasse ao fim do dia.*

Talvez agora ele já esteja ven-  
do com olhos retrospectivos  
a vida dele de outrora, que é a  
sua de agora e sempre.

Não é impossível – diria que  
é até provável – que ele sinta  
saudades da faina cotidiana.

Saudades... da sua *liberdade*.

***Trancafiado na escuridão,  
lembra da nossa luz.***

*Depois de 3.000.000 de golpes de podão, você chegou a esquecer que tinha braços, pernas e um corpo. Nesse momento, não existia mais apontador, salário, nem patrão. Só existiam pés de cana.*

***E em plena luz, lembra da  
nossa escuridão.***

Você não tem ilusões. Você sabe muito bem que uma cabeça cortada vai dar lugar a outras duas, ainda mais duras e mais ferozes que a primeira. O progresso não é exatamente isso?

*O universo era um imenso canavial, e você era uma máquina sem necessidades nem desejos.*



No dia depois do crime, passaram avisando que todo o mundo podia voltar pro alojamento. Você ouviu os gritos de alívio e as risadas, mas continuou trabalhando. Os colegas correram (não pro alojamento: pro lugar que os urubus sobrevoavam lentamente, onde todo o mundo se acotovelava tentando ver a cabeça), mas você não tinha curiosidade nenhuma. Você continuou trabalhando.

*Depois de 5.000.000 de golpes de podão, os braços se movem por conta própria. Se há uma cabeça no lugar onde devia haver um pé de cana, pior para a cabeça. Se por acaso a cabeça é a do patrão, pior para o patrão.*

Os tratores substituíram os bois e os burros, as colheitadeiras vão substituir você. É uma questão de tempo. Não que você vá ter a vida mansa dos

bois e dos burros. Não.

Você vai ser promovido do alojamento pra favela. Da lona pro barraco.

Você vai ser obrigado a competir com alguém vinte anos mais novo – talvez seu próprio filho – por um trabalho no qual já não vai ter forças pra ser *campeão*.

*Mas não: naquele instante, você sabia exatamente o que estava fazendo, você sabia exatamente o que estava cortando, o luar era límpido e fazia brilhar como nunca o seu velho e gasto podão.*

***Lembra dos nossos risos,  
ecoando sob a chuva.***

Você é uma imagem do passado. Quando as máquinas substituírem completamente os braços dos homens, a sua imagem vai desaparecer como se

nunca tivesse existido.

***Lembra.***

*Não era um fantasma.*

*Não era um sonâmbulo.*

*Era você.*

*Insonne.*

O seu suor vai evaporar sem  
deixar rastro. Vai se misturar  
às nuvens, depois vai cair so-  
bre a terra e regar o canavial.  
Os sais vão alimentar as  
raízes e depois vão se trans-  
formar em açúcar.

***Olhando as nuvens esgarça-  
das, lembra do nosso barro.***

*Insonne. Pela primeira vez em  
tantos anos, sem conseguir  
pregar os olhos.*

*Apesar do cansaço, desperto.*

*Alerta. Como se houvesse um  
inimigo à*

*As luzes se apagam pela  
última vez.*

*espreita. Como se um alarme  
soasse dentro da sua cabe-  
ça. Como se fosse impossível  
apagar.*

Os livros de História vão regis-  
trar que numa época remota,  
em lugares igualmente remo-  
tos e esquecidos, alguém como  
você viveu uma vida como a  
sua. Mas as suas dores, a sua  
raiva, o seu suor, a sua vergo-  
nha, os seus calos, a sua febre,  
o seu sangue, a sua angústia, o  
seu cansaço, a sua impotência,  
o seu enjoo, a sua raiva, o seu  
silêncio, a sua humilhação –  
tudo isso vai ser tragado  
pela terra, como o vinhoto, a  
merda e o vômito, que a terra  
traga continuamente sem se  
rebelar.

*Era você.  
Com o podão.*

E a sua voz vai ser  
esquecida – antes mesmo de  
ter sido ouvida.



**Textos intercalados:**

Padre Antônio Vieira (1608-1697),

Han Yu (768-824) e

Chuang Tse (século IV a.C.).









Este livro foi produzido  
na cidade do Rio de Janeiro  
pela Fundação Nacional de Artes – Funarte  
e impresso na Gráfica Imos em 2012  
com arquivos fornecidos pela Funarte.